






Cultura Corporal: o “movimento” dialético entre homem e natureza

Body Culture: the dialectic “movement” between man and nature
Cultura Corporal: el “movimiento” dialéctico entre el hombre y la naturaleza


Leonardo Carlos de Andrade 

Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. 
leonardoandradeprof@gmail.com


Jéssica da Silva Duarte de Andrade 


Universidade Federal de Catalão. Goiânia, Goiás, Brasil. 
jessica_fef@hotmail.com

Wanderson Pereira Lima 

Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás, Brasil. 
wplima9@gmail.com

Priscilla de Andrade Silva Ximenes 

Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. 
priteducadora@hotmail.com

10.46878/praxia.v2i0.10599 

Resumo: Esta produção teve como objetivo retomar e compreender os fundamentos marxistas que constituem a categoria Cultura Corporal, desvelando seu determinante. Realizamos um estudo bibliográfico em clássicos do marxismo e de Marx, concomitantemente a uma análise teórico-filosófica da categoria desde sua gênese até as produções de autores do campo da Educação Física. Desse modo, pelo método que vai da síntese à síntese pela mediação da análise, extraímos a essência do objeto para além das aparências, expondo suas mediações fundamentais com marxismo e seu determinante que é o trabalho. Portanto, consideramos que o ser humano não se desloca sem intencionalidade, não se movimenta aleatoriamente, pois não se separa a vida humana do movimento humano, ou seja, o ser humano não se “move”, ele “age”, e o agir teleológico entendemos aqui como trabalho.

Abstract: This theoretical production aimed to resume and understand the Marxist fundamentals that constitute the category Corporal Culture, revealing its determinant. We carried out a bibliographic study on classics of marxism and Marx, concurrently with a theoretical-philosophical analysis of the category since its genesis and in the productions of authors in the field of Physical Education. In this way, through the method that goes from synchrony to synthesis through the mediation of analysis, we extract the essence of the object beyond appearances, exposing its fundamental mediations with Marxism and its determinant, which is work. Therefore, we consider that the human being does not move without intentionality, does not move randomly, as human life is not separated from human movement, that is, the human being does not “move”, he “acts”, and the teleological action we understand here as work.

Palavras-chave:
Educação Física.
Trabalho.
Ciências Sociais.

Keywords:
Physical Education.
Work.
Social Sciences.



Palabras clave:
Educación Física.
Trabajo.
Ciencias Sociales.

Resumen: Esta producción teórica tuvo como objetivo retomar y comprender los fundamentos marxistas que constituyen la categoría Cultura Corporal, revelando su determinante. Realizamos un estudio bibliográfico sobre los clásicos del marxismo y de Marx, al mismo tiempo que un análisis teórico-filosófico de la categoría desde su génesis y en las producciones de autores en el campo de la Educación Física. De esta manera, a través del método que va de la sincronía a la síntesis mediante la mediación del análisis, extraemos la esencia del objeto más allá de las apariencias, exponiendo sus mediaciones fundamentales con el marxismo y su determinante, que es el trabajo. Por lo tanto, consideramos que el ser humano no se mueve sin intencionalidad, no se mueve al azar, porque la vida humana no se separa del movimiento humano, es decir, el ser humano no se “mueve”, “actúa” y la acción teleológica que entendemos acá como trabajo.

Introdução

O presente artigo é fruto de um estudo teórico acerca da Cultura Corporal sob a égide do marxismo, que se configura como uma corrente filosófica que compõe os pilares das ciências sociais. Portanto, de antemão, evidenciamos que nosso objetivo é evidenciar os fundamentos filosóficos do materialismo histórico-dialético coagulados na categoria Cultura Corporal.

Para isso, recorremos ao método em Marx como caminho de pesquisa, partindo da aparência do objeto, preenchendo de mediações para que pudéssemos desvelar sua essência. Desse modo, aparentemente a Cultura Corporal tem seus fundamentos em Marx como visto em Soares *et al.* (1992), mas somente após o aprofundamento nas categorias centrais da teoria pudemos tecer reflexões sobre a Cultura Corporal em apontar suas mediações essenciais.

Dessa forma, a análise empregada nesse artigo pode ser considerada heurística, pois busca apresentar mediações conceituais que outrora ficaram veladas na história (NETTO, 2011). Partimos de um referencial robusto, tendo como fontes primárias a obra pioneira “Metodologia do ensino da Educação Física” (SOARES *et al.*, 1992), os clássicosⁱ do marxismo e de Marxⁱⁱ. O aporte complementar das discussões foram as produções de autores marxistas contemporâneos do campo da Educação Física.

A relação da Cultura Corporal com o marxismo, por ora aparente, é oriunda da discussão teórica do movimento renovadorⁱⁱⁱ que deu origem a esse conceito. Entendemos que nessa particularidade histórica, a obra de Soares *et al.* (1992) ainda é a referência teórico-metodológica mais desenvolvida no campo da Educação Física (SILVA, 2013). Nesse contexto, em um período histórico de pós-ditadura no Brasil o conceito de Cultura Corporal foi forjado em um compromisso político com a classe trabalhadora. Nesse processo de edificação gnosiológica e política, Soares *et al.* (1992) estabeleceram seus pilares na pedagogia histórico-crítica (SAVIANI, 2013) e na Pedagogia Libertadora (FREIRE, 1987).

Tanto a corrente de Saviani (2012) quanto a de Freire (1987) tem influência da obra marxiana, no caso da pedagogia histórico-crítica radicalmente e na pedagogia libertadora, implicitamente^{iv}. Portanto, diante desse contexto, já é inerente ao conceito de Cultura Corporal a tradição marxista, porém em tempos de obscurantismo^v e de disputa ideológica no campo da Educação Física, devemos evidenciar demasiadamente o potencial transformador da Cultura Corporal e de seus fundamentos edificados no marxismo (ANDRADE, 2019).

Ademais, segundo Souza Junior (2011) o conceito de Cultura Corporal ainda está em movimento^{vi} e temos o compromisso de contribuir com seu desenvolvimento.

Compreendemos a produção do conhecimento acumulado da humanidade pela historicidade^{vii}, por isso sabemos que não existe uma linearidade com o real, mas sucessivas aproximações concretas diante das condições objetivas. Portanto, alinhados com o método que subsidia esse escrito, nos propomos a evidenciar e ressoar o fundamento central^{viii} da categoria Cultura Corporal.

Assim, adiantamos aos calorosos leitores, que o método aqui empregado tem na materialidade seu ponto de partida, por isso é inseparável seu interesse teórico-científico do político-social. Portanto a largada para esse escrito é a necessidade advinda do real, justificada pela atual conjuntura política do Brasil e de disputa^{ix} no campo acadêmico-científico da Educação Física. Vislumbramos na Cultura Corporal possibilidades concretas e dinâmicas de emancipação/humanização e nessa compreensão de ciência dialética, partiremos para fora da caverna^x, olhando mais de perto o marxismo, tendo o devido cuidado para que o sol não ofusque nossos olhos.

Metodologia: o método em Marx

De antemão ressaltamos que não somos atrevidos nem irresponsáveis a ponto de querer apresentar “o que é o método em Marx” em uma seção. Na verdade, nosso interesse é tecer reflexões acerca dos fundamentos e método que amparou nossa pesquisa.

A forma como o objeto se apresenta idealmente nas análises do sujeito, nas palavras de Marx (1988) é a reprodução ideal do movimento real, portanto sujeito e objeto estão articulados dialeticamente. O conhecimento teórico é a apreensão do real do objeto tal, em sua concretude^{xi}, portanto independe das formas individuais de como um pesquisador crê, mas é reprodução ideal de como a realidade se manifesta. Portanto, essa pesquisa pode ser denominada como teórica, com procedimentos bibliográficos (NETTO, 2011).

Kosik (2002) ressalta que o método da exposição é a síntese de um movimento dialético de investigação, pois o pesquisador já se apropriou das estruturas essenciais do objeto e agora pode expô-lo de forma racional. Desse modo, nosso método de pesquisa teve dois momentos marcantes, um primeiro de captação das mediações essenciais das obras clássicas do marxismo: Marx (1988, 1999, 2010, 2013), Lukács (2010), Leontiev (1978) e Kosik (2002). E um segundo momento, a análise em si da Cultura Corporal em diálogo com os autores que vem se debruçando no desvelar da categoria: (ESCOBAR; TAFFAREL, 2009); (SOUZA JUNIOR, 2012); (OLIVEIRA; OLIVEIRA 2004); (ANDRADE, 2019); entre outros.

A exposição das determinações será desenvolvida em três momentos nas seções adiante. O primeiro diz respeito a apresentação da abordagem crítico-

superadora, sendo a gênese da Cultura Corporal. A seção posterior aponta o determinante da Cultura Corporal, que diante da nossa aproximação com o objeto se apresenta como trabalho. No terceiro momento elucidamos as mediações a partir da própria categoria Cultura Corporal, prioritariamente pelas suas manifestações e atividades.

Abordagem crítico-superadora: a aurora da Cultura Corporal

A abordagem crítico-superadora, em suas bases marxistas, indica o compromisso da Educação Física com um novo projeto societário. Não por acaso, encontra-se na referida obra a seguinte afirmativa: “Nas sociedades de classe, como é o caso do Brasil, o movimento social se caracteriza, fundamentalmente, pela luta entre as classes sociais a fim de afirmarem seus interesses” (SOARES *et al.*, 2012, p. 25).

Soares *et al.* (2012) marcam uma ruptura temática, política e pedagógica em relação à compreensão do objeto da Educação Física e suas implicações para o ensino na escola. Marcada pela crítica e superação da abordagem de ensino centrada no desenvolvimento da aptidão física e no tecnicismo, a abordagem crítico-superadora reivindica a Cultura Corporal como objeto da Educação Física, e consequentemente reivindica o próprio campo como disciplina escolar.

A Cultura Corporal é compreendida como as manifestações da cultura, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas, que representam a sistematização de relações do homem com o mundo pela dimensão corporificada. O acervo da Cultura Corporal, inicialmente engendrado na obra é composto por esporte, dança, jogos e brincadeiras, capoeira, ginástica e lutas.

Esta concepção, como já dito anteriormente, tem por base, os princípios da pedagogia histórico-crítica (SAVIANI, 2013), sobretudo os textos elaborados nas décadas de 1980 e 1990. Podemos afirmar que se essas bases consolidam a abordagem, consequentemente consolidam a categoria Cultura Corporal.

A capacidade humana de criar e recriar, de destruir e construir, é abordada nessa concepção de conhecimento. Pois, se o atual modo de produção foi capaz de ser constituído mediante as relações sociais históricas, ele também pode ser transformado e superado. A premissa de que todo indivíduo é um ser histórico e culturalmente constituído é base da abordagem crítico-superadora e da categoria Cultura Corporal.

De acordo com esta compreensão, “[...] os conteúdos históricos sempre serão importantes e, de certo ângulo, determinantes, porque é pelo caminho deles que se apreende a perspectiva histórica, o modo de situar-se historicamente” (SAVIANI, 2012, p. 123). Portanto, os conteúdos engendrados no conceito Cultura Corporal são

fulcrais para uma formação humana omnilateral, fundamentais para compreender o mundo em suas múltiplas dimensões.

É esta visão de historicidade que orienta a proposta do Coletivo de Autores (SOARES *et al.*, 1992), uma síntese que se expressa na obra “Metodologia do Ensino da Educação Física”, em sua organização curricular e abordagem metodológica. Nesse processo de ruptura do paradigma de Educação Física, emerge a categoria central desse texto, a Cultura Corporal, que só pode ser explicada por seu determinante, que em nossa análise é o trabalho.

Trabalho: a essência da categoria Cultura Corporal

O ser humano estabelece uma espécie de metabolismo com a natureza, sendo que ele depende da natureza ao mesmo tempo em que é natureza (MARX, 2013). A natureza proporciona o local e o campo de atuação, pelo meio universal que é o trabalho. Para Marx (2010) a natureza é o meio de vida imediato e o instrumento de sua atividade vital, esta é o corpo inorgânico do ser humano, que é orgânico por natureza, constituem uma unidade.

Destarte, a natureza é apropriada de forma a se converter na atividade humana, prolongando a natureza humana. Marx (2010) explicita que as necessidades humanas não são satisfeitas imediatamente por aquilo que é dado pela natureza, essa é alterada intencionalmente pelo trabalho a fim de satisfazer as pulsões dos seres humanos.

Todavia, na busca pela satisfação, transformando a natureza circundada o ser humano produz necessidades próprias, cada vez mais elaboradas. Em termos marxianos, a carência diz respeito aos aspectos básicos de ordem imediata e a necessidade se refere aos processos complexificados historicamente pelo trabalho (MARX, 2010).

Em uma articulação do orgânico e inorgânico, enfatizamos que o ser humano no desenvolvimento da sociedade sempre teve uma relação mediata com a natureza por intermédio de outros seres humanos, assim seu acesso é dado pela natureza humana. Portanto as produções advindas do trabalho humano para satisfazer as necessidades e carências compõem o que Marx (2010) denomina como natureza humana, pois o ser humano veio-a-ser e se aprendeu como ser genérico^{xii}.

O ato de transformar a natureza intencionalmente para satisfazer suas necessidades é denominado por Marx (2013) como trabalho. O “domínio” da natureza é um domínio subordinado, e quanto maior a extensão do domínio, maior é a subordinação. Portanto, o processo de humanização da natureza é, por conseguinte, naturalmente humano e humanamente natural. Em outras palavras, o trabalho é uma

espécie de relação de mediação pela natureza humana, ou como Marx (2010) denomina, um metabolismo entre o ser humano e a natureza, metabolismo este capaz de produzir as coisas necessárias à satisfação das necessidades humanas subordinando a natureza aos seus interesses.

Se o ser humano se forma humanamente pelo trabalho, este também é responsável pela transformação da natureza em natureza humana. Assim, nas palavras de Marx (2010) o surgimento do ser humano, é obra do próprio ser humano. Nesse contexto, entendemos que a história é fruto da ação humana, portanto a origem do ser, e o ser social está condicionado a consciência, que é fruto da produção coletiva da história sabida.

[...] não vem ao mundo nem com um espelho, nem como um filósofo fichtiano: eu sou eu, o homem se espelha primeiro em outro homem. Só por meio da relação com o homem Paulo, como seu semelhante, reconhece-se o homem Pedro a si mesmo como homem. Com isso vale para ele também o Paulo, com pele e cabelos, em sua corporalidade paulínica, como forma de manifestação do gênero humano (MARX, 1988, p. 57).

O homem aprende a ser homem, nas relações históricas com a cultura humana, ao tempo que também é o produtor da cultura. Lukács (2010, p. 171) elucida a dimensão ontológica dessa relação visto que “[...] o ser só pode ser abordado como ser se for objetivamente determinado em todos os sentidos. Um ser privado de determinações é apenas produto do pensamento: uma abstração de todas as determinações [...]”. Nessa condição de formação humana em todos os sentidos se dá a consciência, onde as funções psíquicas do homem se complexificam em níveis cada vez mais elevados, possibilitando que este exerça sua ação na natureza de formas cada vez mais elaboradas (ANDRADE, 2019).

A consciência é produção social de natureza ontológica e, portanto, atividade universal ao mesmo tempo em que é imagem teórica da concretude produzida coletivamente (LEONTIEV, 1978). Assim, entendemos que o trabalho é um ato teleológico, ou seja, consciente, pois a natureza transformada (cultura) já constitui imediatamente o ser, que pelo mesmo ato se faz ser social. Na gênese do ser social se suprassume a natureza circundada, complexificando as relações e produções da humanidade, pois agora tudo é natureza humana.

Assim a verdadeira história humana vem sendo forjada, de forma que as produções culturalmente elaboradas são herdadas pelas gerações futuras pelo processo de transmissão do conhecimento, via processos educativos, superando por incorporação a produção anterior. O trabalho aqui deve ser entendido como objetivação humana criadora e transformadora da natureza mediante as



externalizações singulares que de certa forma também são universais. Constituindo assim sua própria sociabilidade, e principalmente sua subjetividade.

Por meio do trabalho, o indivíduo é um ser particular e universal. Sendo que nesse processo de dupla relação, nesse contexto de reciprocidade, a consciência humana produz um objeto e é produzida por este mesmo objeto, em uma relação dialética entre objetivação e subjetivação (MARX, 2013).

Esse objeto de trabalho – que também é trabalho coagulado – é fruto de exteriorizações, objetivações da consciência, portanto, esse mesmo objeto de trabalho é constituído por atividade humana cristalizada que foi incorporada como trabalho morto^{xiii} no decorrer da história. Para Marx (2010) o ato do ser humano de realizar transformação é trabalho vivo, ativo enquanto ação humana no ato de produção. Todavia, ao criar coisas de natureza diversa, a humanidade projetada no trabalho vivo está incorporada agora em sua produção, como trabalho morto.

Tomemos o seguinte trecho do poema “O operário em Construção” de Vinícius de Moraes: “O operário via as casas, e dentro das estruturas, via coisas, objetos, produtos, manufaturas. Via tudo o que fazia o lucro do seu patrão, e em cada coisa que via misteriosamente havia a marca de sua mão”. Na catarse do operário, elucidamos que em tudo o que o homem “põe a mão”, se cristaliza sua objetivação e se incorpora “a marca de sua mão”, como trabalho morto, ou seja, nas produções humanas temos coaguladas^{xiv} atividades de pessoas que nos precederam.

Assim então, elucidamos que nos produtos “coisas, objetos, manufaturas”, tem trabalho morto de seres humanos que foi trabalho vivo anteriormente no ato de sua criação. Os produtos materiais e imateriais (conhecimento acumulado) advindos do trabalho, constituem a vida genérica, pois em sua essência também são trabalho.

Somente pelo trabalho o ser humano tem a capacidade de se distinguir dos demais animais, justamente por sua consciência que precede a ação “[...] o objeto do trabalho é, portanto, a objetivação da vida genérica do homem [...]” pois sabemos que “[...] quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectualmente, mas operativa, efetivamente, contemplando-se por isso, a si mesmo num mundo criado por ele [também em sua corporalidade] [...]” (MARX, 2010, p. 84).

Pois bem, se o trabalho é o ato teleológico de transformação da natureza, basta idealizar a ação para que eu satisfaça minhas necessidades? Tenhamos calma caro senhor Forest Gump^{xv}, nesse engodo diríamos que na verdade existe uma dialética entre o concreto e o abstrato, visto que o trabalho é uma ação concreta idealizada previamente, ou se olharmos pelo reflexo do espelho, é a ideação prévia materializada pela ação objetiva na realidade concreta. A essa relação dialética entre teleologia e ação, denominamos como práxis (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2004)

O ato do trabalho parte da necessidade humana, que segundo Marx (2013) pode ser do estômago ou da imaginação, mas somente pela práxis que ela é contemplada. Oliveira e Oliveira (2004) ressaltam que a práxis se constitui a partir das capacidades psicofísicas dos indivíduos, que por meio de sua ação histórica sobre a natureza a domina, e pela transmissão do conhecimento entre as gerações estabelece formas inúmeras de utilizar o seu corpo, sendo a corporalidade a via de edificação do trabalho.

[...] é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos, portanto, o primeiro ato histórico destes indivíduos que se distingue dos animais, não é o fato de pensar, mas o de produzir seus meios de vida, passo este que é determinado pela sua organização corporal, o que depende da natureza, dos meios de vida já encontrados e que tem que reproduzir. (MARX, 1999, p. 27)

A indagação supracitada é a chave para a aproximação com a categoria central deste escrito, pois na complexificação histórica e cultural do metabolismo homem e natureza, as atividades corporais (corporalidade humana) são gradativamente sistematizadas ao executar ou conter o movimento do corpo em dadas circunstâncias.

O ato do trabalho só é possível pela dimensão corporificada do ser humano, assim o movimento do homem sempre tem uma intencionalidade transformadora. A execução e contenção dessa corporalidade na constituição ontológica do ser social, originou inúmeras produções materiais e imateriais advindas dessa relação.

Portanto, nessa altura de nossa exposição, ressaltamos que na reprodução do mundo exterior sensível, compreendido em outras palavras como cultura, em suas manifestações materiais e imateriais, existe uma particularidade que diretamente concerne à Educação Física, denominada como Cultura Corporal.

Cultura Corporal: sínteses provisórias

Na fronteira da investigação e da síntese, advogamos que Cultura Corporal é trabalho. Souza Junior *et al.* (2011), defende que a categoria se consolida no trabalho, mais detalhadamente como trabalho humano acumulado pela constituição histórica das relações metabólicas entre homem e natureza. Em outras palavras, são as manifestações dadas prioritariamente pela corporalidade, oriundas da atividade humana, complexificadas diacronicamente com a historicidade social e sincronicamente com as contradições causais.

Não separamos a base material da existência, o processo de desenvolvimento econômico da constituição da cultura. Não separamos a superestrutura da estrutura da sociedade. O homem não nasceu praticando esporte, e muito menos relacionando esporte com saúde, megaeventos, lazer ou rendimento, mas, adquiriu, pelo trabalho

essa capacidade, mediados pela história e pela cultura. Portanto, pelas atividades, são dadas as condições de produzir e reproduzir seu modo de vida, onde as relações com a Cultura Corporal foram se consolidando em cada particularidade histórica.

No desenvolvimento da sociedade, a Cultura Corporal se constitui como síntese de múltiplas determinações, oriundas das relações sociais engendradas pelas forças produtivas e das classes sociais. O desenvolvimento da Cultura Corporal é essencialmente vinculado a produção material, a ideologia, política, a ciência, a moral e a arte (ESCOBAR, 1995).

Estas forças produtivas dizem respeito a própria produção social da vida humana, que é dependente das condições objetivas, portanto são inerentes as dimensões econômicas, políticas, estéticas e éticas imbricadas na Cultura Corporal. Tais dimensões emanam de uma íntima relação entre particular e universal, pois a existência de um sujeito será influenciada e influenciará na formação coletiva.

Reiteramos que das relações do homem com a natureza e com os outros homens na manutenção da vida humana emanam atividades corporais específicas e sistematizadas, com um arcabouço complexo de conceitos. No desenvolvimento histórico-cultural dessas práticas, conhecemos hoje as suas expressões mais desenvolvidas – jogos, esportes, dança, ginástica, lutas, práticas de aventura, capoeira entre outras – que podem ser generalizadas pelo conceito de Cultura Corporal.

Ademais, pelo ato do trabalho a Cultura Corporal é produzida e consumida de acordo com a reprodução do mundo exterior sensível. A Cultura Corporal é um produto imaterial da sociedade, portanto o ato da produção atende necessidades complexas do ser humano em seus aspectos lúdicos, estéticos, artísticos, agonísticos, gnosiológicos, entre outros diretamente articulados a sua prática social (TAFFAREL; ESCOBAR, 2012). Essas manifestações carregam coaguladas atividades de outros que nos antecederam, incorporando significados e elementos elaborados socialmente.

Por exemplo, quando se está em uma roda de capoeira, o homem age teleologicamente no meio social (que também é natureza) ao tempo que se transforma ao consumir tal produto de seu trabalho. Um “rabo de arraia” antes de ser efetivado na roda, foi idealizado na consciência do capoeirista, que só executou o golpe diante de uma necessidade própria. A necessidade que engendra a atividade pode advir de uma demanda motriz posta na roda, como um contragolpe, ou a própria necessidade simbólica de estar na roda.

Entendendo assim como Marx (Grundrisse) que tanto as ações como os objetos são construções históricas e sociais que resultam das necessidades naturais ou criadas. Essas necessidades: materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais e afetivas é que conduzem os homens a agir. (TAFFAREL; TEIXEIRA; D’AGOSTINI, 2005, p. 22)

Nesta ocasião, retomemos o conceito de segunda natureza (MARX, 2010) onde a corporalidade^{xvi} é criada pelo homem e o constitui dialeticamente. Pelé^{xvii} não era um gênio como as grandes mídias narram, mas sim um atleta que se apropriou de forma qualitativa das especificidades do futebol, produzindo-o e consumindo-o pelo ato do trabalho. Desse modo, parecia que o atleta realizava de modo “natural” as destrezas em campo, assim como parece natural um torcedor caminhar ou ler um jornal, mas não, isso foi apropriado pelas relações com o mundo exterior sensível, em um processo de incorporação.

As capacidades futebolísticas se tornaram segunda natureza do atleta, adquiridas pelo ato do trabalho, proporcionando a ele um salto qualitativo no que diz respeito à máxima capacidade com essa manifestação da Cultura Corporal. Vale ressaltar, que tomamos essas atividades pela sua natureza complexa, em suas múltiplas determinações, portanto é inadequado defini-las e explicá-las como “ações motoras”, pois isso não desvela seu caráter de atividade.

Leontiev (1978) captou o processo de desenvolvimento dialético da psiquê, onde a constituição da consciência se dá pelas relações histórico-culturais, na unidade de contrários, e o crucial, a relação entre atividade e formação da consciência. Ademais, o princípio de unidade das atividades da Cultura Corporal está calcado na dimensão psicofísica, pois o pensamento é o reflexo da realidade concreta, mediatizada pelos instrumentos internos do sujeito (signos).

O pensamento (ideias) e a prática (ação) não são opostos, mas unidade de contrários, o homem reflete sobre sua ação porque sua ação o faz refletir. O trabalho é categoria fundante da consciência, pois o trabalho que medeia a relação homem e natureza, e dele se forja a consciência. Em outras palavras, o comportamento se modifica a medida que as funções superiores se estruturam.

O signo está para a atividade assim como o instrumento está para o trabalho, pois estes medeiam a ação transformadora do homem sobre seu objeto de trabalho/atividade. E esse signo/instrumento deve ser condizente com a necessidade que fomentou a transformação e com o objetivo planejado pelo homem em sua ação (LEONTIEV, 1978).

Em uma luta medieval entre dois cavaleiros, é preciso de uma espada para o combate, mas de nada vale um florete^{xviii} se o adversário tem uma armadura, o melhor instrumento seria um montante, espada esta de maior eficácia diante da necessidade posta de digladiar o adversário. Essa mesma relação pode ser compreendida com a ausência de instrumentos físicos, mediante instrumentos psíquicos, signos que representam possibilidade de corporificação.



Se durante uma partida de handebol, o jogador recebe a bola de costas para a meta, e ele já se apropriou de inúmeras possibilidades ofensivas, inclusive artifícios individuais e coletivos, ele pode utilizar os melhores instrumentos que compõem o complexo de estruturas psíquicas para sua ação. Assim, pode então, tomar a decisão que melhor contempla sua necessidade. Este, como os outros exemplos restritos supraditos, tem uma função elementar nessa seção, pois trazem mediações para compreender a tese central deste escrito.

O ser humano não se desloca sem intencionalidade, não se movimenta aleatoriamente, não se separa a vida humana do movimento humano, ou seja, o ser humano não se mexe, ele “age”, e esse “agir” entendemos aqui como trabalho. Portanto a atividade corporal humana nunca será apenas deslocamento no espaço, ela é trabalho, ação sobre a natureza (MARX, 2010). “E esse ato de agir sobre a natureza transformando-a é o que se chama trabalho [...]. Portanto, é pelo trabalho que os homens produzem a si mesmos [...]” (SAVIANI, 2013).

A Cultura Corporal representa todo esse acervo de manifestações corporificadas da atividade humana. Reiteramos, então que hoje conhecemos o esporte, a dança, o jogo, as lutas e tantos outros nessa particularidade, pois são as expressões mais desenvolvidas e sistematizadas nesse momento histórico. Como visto na própria obra pioneira, o arremessar de uma pedra nos tempos mais primitivos foi ontologicamente complexificado pelo trabalho até nos dias de hoje em sua expressão mais moderna no arremesso de peso do atletismo (SOARES *et al.*, 1992).

Tomemos ainda uma reflexão adicional, existe um potencial ontológico no escopo da Cultura Corporal, pois o enfoque se pauta no salto qualitativo no máximo desenvolvimento humano e na apreensão do real, no que diz respeito a totalidade das manifestações corporais. Segundo Souza Junior *et al.*, (2011) é necessário que o sujeito se aproprie dos temas da Cultura Corporal, mas, sobretudo compreenda as relações sociais em que está inserido e possa não só ser um praticante, mas também um sujeito concreto.

Segundo Escobar e Taffarel (2009) faltaram aprofundamentos teóricos no conceito de trabalho na obra inicial que conseqüentemente levou a demasiadas interpretações errôneas e fragilidades. Todavia, é fundamental que outros pesquisadores deem continuidade^{xix} nas provocações teóricas de nosso artigo, retomando uma vez mais, as bases da Cultura Corporal escancarando seu potencial ontológico e emancipador.

Considerações finais

Relembremos o método aqui empregado que em seu movimento dialético vai da síntese à síntese pela mediação da análise. As veredas percorridas na estruturação deste ensaio foram intencionais como método de exposição, pois além de tudo nos propomos a elucidar o caminho teórico-metodológico também no corpo deste escrito.

Em nossa introdução enfatizamos as aparências e problematizações que preponderam sobre a Cultura Corporal, em nosso desenvolvimento indicamos as mediações determinantes para nossas análises, que consequentemente garantiram as bases para nossa síntese final sobre a essência da Cultura Corporal, consolidada pela categoria trabalho. As sínteses do ponto de vista marxista são sempre provisórias, pois após um processo catártico, novas e sucessivas aproximação com o objeto são possíveis.

Temos clareza que poderíamos ter tido maior profundidade no último tópico, porém o objetivo elementar desse texto era retomar as bases da teoria marxiana e o determinante da categoria que é o trabalho. Desse modo, indicamos a emergência do prosseguimento nesse estudo para ampliar as considerações aqui iniciadas sobre Cultura Corporal.

Considerando a discussão política e científica constante nesse artigo, advogamos uma vez mais que é fundamental o ressoar das bases marxistas da Cultura Corporal, pois em tempos de obscurantismo o potencial revolucionário em favor da classe trabalhadora é estrategicamente velado (ANDRADE, 2019). Portanto a ação corporal humana nunca será apenas um deslocamento no espaço, ela é trabalho, ação humana teleológica sobre a natureza, desde o chutar da bola contra as traves até as rodas de capoeira nos centros urbanos.

Como visto em Souza Junior *et al.* (2011) os próprios autores do livro “Metodologia do Ensino da Educação Física” se posicionam na atualidade de modo distinto do inicial acerca da Cultura Corporal, sendo que um polo tem radicalidade e coerência no marxismo (Celi Taffarel, Elizabeth Varjal e Michelle Ortega^{xx}) e outro polo optou percorrer por outras veredas distantes^{xxi}.

Por fim, acreditamos e defendemos que a Cultura Corporal se configura como elemento constituinte da produção cultural da humanidade, constituída nas relações históricas entre homem e natureza. Neste escopo, os jogos, esportes, lutas, ginásticas, danças, entre outros foram produzidos como objetivação humana, que dialeticamente, constitui particularidade do gênero humano. Portanto, entendemos que a essência da Cultura Corporal em sua concretude, como síntese de múltiplas determinações se dá no trabalho.

Referências

- ANDRADE, Leonardo Carlos. Prática pedagógica histórico-crítica e Educação Física: uma experiência com os jogos indígenas e africanos. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 10, n. 1, Florianópolis, p. 70-82, mar. 2019.
- DUARTE, Newton. O currículo em tempos de obscurantismo beligerante. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 139-145, maio/ago. 2018.
- ESCOBAR, Micheli Ortega. Cultura corporal na escola: tarefas da Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 8, v. 1, p. 91-102, dez. 1995.
- ESCOBAR, Micheli Ortega; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke. A cultura corporal. *In*: HERMIDA, Jorge Fernando (Org.). **Educação Física: conhecimento e saber escolar**. João Pessoa: EDUFPB, 2009. p. 173-180.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LAZZAROTTI FILHO, Ari; SILVA, Ana Márcia; MASCARENHAS, Fernando. Transformações contemporâneas do campo acadêmico-científico da Educação Física no Brasil. Novos habitus, modus operandi e objetos de disputa. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 67-80, 2014.
- LEONTIEV, Alexei. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 3. ed. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1988.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Max**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- PLATÃO. **A república**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- ROSAS, Paulo. Depoimento I; Recife: cultura e participação (1950-64). *In*: FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SILVA, Efraim Maciel. **A pedagogia histórico-crítica no cenário da Educação Física brasileira**. 2013. 122 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SILVA, Matheus Bernardo. **O objeto de conhecimento da educação física escolar na perspectiva da pedagogia histórico-crítica**. 2018. 203 p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2018.

SOARES, Carmen Lúcia. *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Carmen Lúcia. *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA JUNIOR, Marcílio. *et al.* Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411, abr./jun. 2011.

OLIVEIRA Marcus Aurélio Taborda de; OLIVEIRA, Luciana Paiva Alves de. **Corporalidade e cultura escolar: refletindo sobre a reorientação das práticas escolares de Educação Física no Estado do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2004.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; LORENZINI, Ana Rita. Coletivo de Autores: a cultura corporal em questão. *In*: SOARES, Carmen Lúcia. *et al.* **Metodologia do ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; TEIXEIRA, David Romão; D'AGOSTINI, Adriana. Cultura corporal e território: uma contribuição ao debate sobre reconceptualização curricular. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 25, p. 17-36, jan. 2005.

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; ESCOBAR, Micheli Ortega. **Cultura corporal e os dualismos necessários a ordem do capital**. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/germinal/n9-112009.htm#7cultura>>. Acessado em 8 fev. 2020.

Recebido em: 18/05/2020

Aprovado em: 27/05/2020

Publicado em: 19/06/2020

ⁱ “Clássico é aquilo que resistiu ao tempo, tendo uma validade que extrapola o momento em que foi formulado. Define-se, pois, pelas noções de permanência e referência (SAVIANI, 2013).

ⁱⁱ O termo marxismo ou marxistas é utilizado para definir os autores que seguem a corrente filosófica de Marx, já o termo Marxiano ou propriamente Marx, define os escritos canônicos do autor.

ⁱⁱⁱ Ver Silva (2018).



- ^{iv} Rosas (2001) evidencia que Paulo Freire foi um leitor assíduo do Marxismo, porém deliberou suas veredas de luta de forma distinta, com vistas a uma sociedade mais igualitária e não revolucionária.
- ^v Segundo Duarte (2018) obscurantismo beligerante é o contexto de anti-intelectualismo juntamente com a onda de conservadorismo que se encontra o Brasil, sendo que estas influências ideológicas são reflexos da hegemonia burguesa.
- ^{vi} Essa categoria representa a complexidade dialética da realidade, onde o real concreto é síntese de múltiplas determinações. Portanto, a realidade e tudo que nela se encontra são passíveis de mudança, de constante transformação. O termo “movimento” empregado no título deste ensaio tem inspiração dupla, pois ao tempo que nos referimos ao “movimento corporal” também estamos ressaltando sua relação com movimento (enquanto categoria dialética) como práxis.
- ^{vii} Ver Marx (2010).
- ^{viii} Por ora, adiantamos que se pauta na relação metabólica entre homem natureza (humana e circundada).
- ^{ix} Ver Lazzarotti Filho *et al.* (2014).
- ^x Referência à Alegoria da Caverna (PLATÃO, 2001).
- ^{xi} Síntese de múltiplas determinações.
- ^{xii} Ver Marx (2010).
- ^{xiii} O produto do trabalho mesmo após sua conclusão, leva em si o trabalho do ser humano que o criou. Em outras palavras, em toda criação material e imaterial (objetos, apetrechos, livros, conceitos, etc.) está presente o trabalho humano, mesmo que seja um trabalho que já aconteceu, denominado trabalho morto.
- ^{xiv} Processo de solidificação do sangue humano (morto), que um dia já correu pelas veias humanas em sua forma líquida (viva).
- ^{xv} Personagem cinematográfico que idealizava histórias extraordinárias e contava a todos como se de fato elas tivessem acontecido.
- ^{xvi} A corporalidade é a materialidade corpórea do trabalho concreto, pois o homem só age na natureza a partir de sua dimensão biofísica que também é culturalmente concebida (SILVA, 2018).
- ^{xvii} Considerado pela Federação Internacional de Futebol como o melhor jogador de futebol de todos os tempos.
- ^{xviii} Espada típica dos mosqueteiros, com formato fino e alongado para duelos rápidos.
- ^{xix} Vemos a necessidade de um debruçar coletivo em um estudo teórico acerca da linguagem, na perspectiva histórico-cultural, para contrapor as principais dubiedades e apropriações pós-modernas da categoria em questão.
- ^{xx} No início do ano de 2020 a professora Michelle Escobar faleceu, deixando um rico legado e contribuições imensuráveis para a educação brasileira. As produções da referida autora são obrigatórias para aqueles que acreditam na emancipação humana e no vir a ser da sociedade.
- ^{xxi} Não é nosso objetivo e nem temos interesse em fazer uma crítica ao posicionamento desse grupo, por isso reiteramos que nossa proposição de estudo é o marxismo e suas relações com a Cultura Corporal.